

**ENSINO REMOTO NA PANDEMIA,  
PRÁTICAS CURRICULARES E COTIDIANOS  
ESCOLARES - DA SALA DE AULA À “SALA  
DE CASA”:** recontextualização, criações e  
inventividades

**REMOTE TEACHING IN PANDEMICS,  
CURRICULAR PRACTICES AND DAILY  
SCHOOL ROUTINE – FROM THE  
CLASSROOM TO THE “DOMESTIC ROOM”:**  
recontextualization, creations and  
inventiveness

**LA ENSEÑANZA A DISTANCIA EN LA  
PANDEMIA, PRÁCTICAS CURRICULARES Y  
COTIDIANOS ESCOLARES – DESDE LA  
SALA DE AULA HASTA LA “SALA DE LA  
CASA”:** recontextualización, creaciones y  
inventiva

**Resumo:** Neste texto, trazemos alguns apontamentos produzidos no bojo de uma pesquisa bibliográfica, analítica, de cunho exploratório, que está em curso buscando mapear as publicações no período entre 2020 e 2022, que tratam do ensino remoto na pandemia e pós pandemia, com suas implicações nas práticas pedagógicas, no currículo e no trabalho docente. Para tanto, lançamos mão de artigos, periódicos, pesquisas e manchetes disponíveis na internet, com o objetivo de identificar, aprofundar e explicar, a partir de um levantamento de dados e de suas análises, como a literatura investigada informa a temática em questão. O aporte teórico que subsidia este estudo está ancorado em Ball (2000), Lopes (2005, 2008), Canclini (2011), Oliveira (2020a; 2020b), Nóvoa (2020), dentre outros. As análises preliminares indicam que as práticas curriculares no período da pandemia resultaram de uma recontextualização por hibridismo (BALL, 2000), cujos arranjos e ressignificações assumiram diferentes estratégias didático-pedagógicas, com enorme riqueza de configurações derivadas do uso das tecnologias digitais para o ensino remoto. Apesar das dificuldades e desafios enfrentados pelos professores e, também, da precarização do trabalho docente, a diversidade das práticas curriculares, decorrentes da criatividade individual e coletiva surgidas neste período, criaram alternativas pedagógicas para garantir as aprendizagens de milhões de alunos.

**Palavras-chave:** Práticas Curriculares. Ensino Remoto. Trabalho docente.

Recebido em: 31/10/2022

Aceito em: 01/12/2022

Publicação em: 15/12/2022

Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.64683

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Tania Granja**

Doutora em Educação

Professora da Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [tasgranja@gmail.com](mailto:tasgranja@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3657-0139>

**Flávia de Oliveira Barreto**

Doutora em Sociologia

Professor da Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Brasil

Email: [flaviabarreto2011@gmail.com](mailto:flaviabarreto2011@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6420-0939>

**Como citar este artigo:**

GRANJA, T.; BARRETO, F. O. ENSINO REMOTO NA PANDEMIA, PRÁTICAS CURRICULARES E COTIDIANOS ESCOLARES - DA SALA DE AULA À “SALA DE CASA”: recontextualização, criações e inventividades. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-9, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64683>

**Abstract:** In this text, we present some notes produced in the context of a bibliographic and analytical research, of exploratory nature, which is underway seeking to map the publications in the period between 2020 and 2022, dealing with remote teaching in the pandemic and post-pandemic, with its implications for teaching practices, curriculum and teaching work. To do so, we used articles, journals, surveys, and headlines available on the Internet, in order to identify, deepen, and explain, from a survey of data and their analysis, how the investigated literature informs about the theme in question. The theoretical support for this study is anchored in Ball (2000), Lopes (2005, 2008), Canclini (2011), Oliveira (2020a; 2020b), Nóvoa (2020) among others. Preliminary analyses indicate that the curricular practices in the pandemic period resulted from a recontextualization by hybridism (BALL, 2000), whose arrangements and re-significations assumed different didactic-pedagogical strategies, with enormous richness of configurations with the use of digital technologies for remote teaching. Despite the difficulties and challenges faced by teachers, and also the precariousness of the teaching work, the diversity of curricular practices, resulting from individual and collective creativity that emerged in this period, created pedagogical alternatives to guarantee the learning of millions of students.

**Keywords:** Curricular Practices. Remote Teaching. Teaching work.

**Resumen:** En este texto, traemos algunos apuntes producidos en medio de una investigación bibliográfica, analítica, exploratória, que se encuentra en curso, buscando mapear las publicaciones comprendido en el período entre 2020 y 2021, que versan sobre la enseñanza a distancia en la pandemia y pos pandemia con sus implicaciones en las practicas pedagógicas, el currículo y el trabajo docente. Para ello hicimos uso de artículos, revistas y investigaciones disponibles en la internet, con el objetivo de identificar, profundizar y explicar, a partir de la recolección y análisis de datos cómo la literatura investigada informa el tema em cuestión. El aporte teórico que sustenta este estudio está anclado en Ball (2000), Lopes (2005, 2008), Canclini (2011), Oliveira (2020a; 2020b), Nóvoa (2020), entre otros. Las análisis preliminares indican que las prácticas curriculares en el período de la pandemia resultaron de una recontextualización por hibridismo (BALL, 2000), cuyos arreglos e resignificaciones asumieron distintas estratégias didáctico-pedagógicas con una enorme riqueza de configuraciones derivadas del uso de la tecnologías digitales para la educación a distancia. Apesar de las dificultades y de los desafíos enfrentados por los docentes, y, también, de la precariedade del trabajo docente, la diversidade de las prácticas curriculares, resultaron de la criatividade individual y colectiva que emergió en este período, reneró alternativas pedagógicas para garantizar el aprendizaje de millones de estudiantes.

**Palabras-clave:** Prácticas Curriculares. Enseñanza a distancia. Trabajo Docente.

## 1 PRÁTICAS CURRICULARES NA PANDEMIA: reflexões sobre o ensino remoto

O Sistema Educacional no Brasil, em março de 2020, foi afetado frontalmente pela pandemia da Covid-19 como ocorreu em outros países, guardadas as devidas proporções e peculiaridades. Contudo, todas as dificuldades que conhecemos, desde a infraestrutura das escolas já precarizadas, ao próprio financiamento do sistema que vem sofrendo com cortes de verbas, cada vez maiores, nos últimos anos e, sobretudo, muitas desigualdades regionais que permeiam as redes deste sistema, afloraram com maior intensidade na pandemia, originando diversas configurações para as práticas curriculares adotadas na modalidade de ensino remoto, em substituição ao ensino presencial ao qual estávamos familiarizados. As mudanças impostas pela pandemia, logo se fizeram presentes quando, inicialmente, houve o fechamento das atividades presenciais em todas as escolas do país.

Ao retomar em ordem cronológica o encadeamento das ações, nos damos conta da grandiosidade dramática do cenário com o qual a humanidade se confrontou em decorrência do surgimento do Coronavírus. No Brasil, em 3 de março de 2020, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria 188, decretou Situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. A partir de então, foi emitida pelo MEC, a Portaria nº343, dispoendo sobre a substituição das aulas presenciais por aulas através de meios digitais, porém, a Portaria mencionada continha uma deliberação dirigida apenas às Universidades Públicas. Na sequência, vieram os acréscimos, os ajustes presentes nas Portarias nº 345 do Mec, de 19 de março de 2020 e na do Ministério da Saúde de nº 356, de 20 de março de 2020. Tal movimentação, por parte do Estado e a pressão da sociedade brasileira, aconteceu simultaneamente ao desenrolar dos eventos dramáticos que ocorriam na Itália e na Espanha, com o avanço das

contaminações e das trágicas mortes em um quadro de absoluta incapacidade dos respectivos sistemas de Saúde destes países oferecerem uma resposta adequada ao cenário de calamidade. Verdadeiramente, não se tratava de uma questão reduzida à precariedade da infraestrutura para o atendimento em larga escala aos contaminados, mas também de uma perplexidade global em relação a como lidar com um vetor de contaminação como o Coronavírus, ainda desconhecido.

Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação se manifesta com o objetivo de esclarecer e orientar os sistemas e as redes de ensino, de todos os níveis, acerca da necessidade imperiosa de repensar e reordenar as atividades acadêmicas como reflexo da imperiosa obrigatoriedade de prevenção do contágio pela propagação do Covid-19. Foi a partir deste movimento que os Conselhos Estaduais e os Conselhos Municipais de Educação se voltaram a elaborar as orientações, emitiram deliberações, resoluções, para que as instituições que integravam suas redes e sistemas de Educação dessem início ao processo de organização da oferta das atividades não presenciais, considerando inclusive a reordenação do calendário acadêmico.

Após esse primeiro momento, o ensino remoto foi compulsório, passando a exigir, da Educação Infantil ao Ensino Superior, no setor público e privado, uma mudança de rumo das práticas curriculares vivenciadas nos moldes que circunscrevem a sala de aula no ensino presencial. Também, o uso da tecnologia e das ferramentas digitais deixaram de ser opcionais passando a ser a única alternativa para a continuidade da relação ensino-aprendizagem e do prosseguimento do processo de escolarização de milhões de alunos. Afora isso, o currículo escolar ganha novos contornos com complexas adaptações e as práticas curriculares são “banhadas” com uma mescla de estratégias didático-pedagógicas para responder ao ensino remoto.

O cenário estava posto, de um lado professores buscando dar respostas adequadas aos desafios colocados por aquele momento de pandemia e, de outro, os estudantes procurando adequar-se a uma nova rotina escolar, pois não estavam mais na sala de aula, mas na “sala de casa”. Interessante nos determos a dimensionar o deslocamento do convívio no espaço público e coletivo das escolas, para o convívio por mídias digitais a partir do espaço doméstico. Ambos, professores e estudantes, tiveram que lidar com uma mudança radical superpondo o privado e o público nas suas vidas, lidar, também, com situações que mesclam o pessoal e o profissional/acadêmico trazendo prejuízos irreparáveis, além de manejar um arsenal tecnológico de que muitos não dispunham e, distanciados do contato mais próximo que a escola oferece, os desafios eram ainda maiores. A “sala de casa” passou a ser um espaço não mais privado, mas público. A partir daí, as dificuldades se multiplicaram, em especial, para aqueles mais vulneráveis socioeconomicamente.

São lembranças que nos remetem a um momento da história da humanidade, após a Segunda Guerra Mundial, sem precedentes, pela magnitude e interferência direta nos cotidianos, de maneira global. Com o intuito de buscar um pouco de suavização em relação ao evidente aspecto negativo do referido contexto, inerente à condição da educação remota, lembramos que muitas situações aconteceram no sentido de humanizar as relações entre docentes e discentes, à medida em que se davam as aulas em um fluxo de nova cotidianidade. Uma realidade que permitiu em alguns casos, por alguns instantes, dimensionar as condições de moradia, a presença de animais domésticos, o testemunho de crianças outras, menores ou maiores, familiares de ambos, que resolviam “dar uma espiadinha” nas telinhas das inusitadas salas de aula, aquelas pequenas janelinhas virtuais. Poderíamos elencar uma série de acontecimentos que seriam cômicos, se não estivessem envoltos no trágico, mas que podem ter contribuído para ampliar e estender laços de pessoalidade entre as pessoas que, isoladas do convívio social, inclusive de grande parte de seus familiares com os quais não compartilhavam as moradias. Servindo de sustentação afetiva e psicológica em um cenário de incertezas e medos. Neste sentido, registramos que em períodos históricos anteriores, nos quais a humanidade experimentou quadros epidêmicos que implicaram em quarentenas prolongadas, em rígidos isolamentos, que atingiam até o encerramento de famílias inteiras em suas residências, das quais seriam retirados depois de mortos, em nosso período histórico, a tecnologia nos ofereceu a possibilidade de amenizar o isolamento, ainda que com a permanência da limitação da presença física.

Nesse período de pandemia, com o fechamento prolongado das escolas, a situação criada era desconhecida pela maioria dos professores e o ajuste à nova realidade exigiu deles domínio de

habilidades relacionadas ao uso das tecnologias e ferramentas digitais, metodologias ativas, gravação de vídeo aulas, apresentações em *power point*, acesso às plataformas e sites, produção de material didático acessível por *tablets*, *notebooks*, celulares e computadores, possibilitando variadas formas de visualização (MATTOS; MATTOS, 2021), dentre outras estratégias pedagógicas visando a diminuir e mesmo eliminar as desigualdades educacionais que acabaram por ser aprofundadas nesses tempos pandêmicos. Neste contexto, a prática curricular torna-se uma “operação” de maior complexidade, considerando que os professores não tinham experiência com o ensino remoto e tampouco receberam formação ou suporte de suas secretarias para o enfrentamento dessa mudança radical e para o desenvolvimento desta modalidade de ensino (OLIVEIRA; VIEIRA; BORGES, 2020).

Nessa direção, a mudança repentina do ensino presencial para o remoto trouxe não só dificuldades para todos os envolvidos pela falta de preparo para lidar com a nova realidade, mas para o currículo que precisou ser adaptado, ressignificado e incorporou hibridações como conceituado por Canclini (2011), a partir das atividades desenvolvidas e das práticas curriculares que estavam postas. Do mesmo modo, como afirmam Granja, Albuquerque e Fonseca (2022, p.4), “[...] as escolas criaram uma nova demanda para os docentes, que precisaram se capacitar para lidar com as novas tecnologias à sua frente, aprendendo a utilizar ferramentas não cotidianas para eles como *Google Meet*, [...] sites e programas que podem ser de difícil utilização para quem não esteja familiarizado [...]”. Estava dado um caminho de incertezas e desafios a serem enfrentados.

Cabe destacar que dada a essa mudança inesperada, houve dificuldade nas próprias secretarias dos diferentes municípios para organizar suas redes. De um lado, inicialmente, como demarcam Cunha, Silva e Silva (2020, p.29), com prazo diminuto e “[...] de forma improvisada, a maioria das secretarias de educação do Brasil já tinha um planejamento para dar continuidade às atividades escolares e garantir a aprendizagem dos estudantes de forma não presencial”. De outro lado, de acordo com estudos de Oliveira e Júnior (2020), Oliveira (2020a, 2020b) e Souza et al. (2021), algumas redes municipais e estaduais deram suporte, mas este dependeu da região geográfica e da capacidade financeira de cada ente da federação, cujo recurso era de maior ou menor monta. Em algumas situações foram disponibilizados apenas material impresso, já em outras foi possível contar com aulas por TV ou rádio, utilização de plataformas e/ou aplicativos, ambientes virtuais de aprendizagem (OLIVEIRA; JUNIOR, 2020). Os estudos mostram intensa precariedade no acesso dos professores e dos estudantes, a esses recursos fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, sendo ratificado por Oliveira (2020a) e, também, por Oliveira e Junior (2020, p.731), quando apontam que “A disparidade do acesso a recursos tecnológicos entre professores e estudantes foi comum a todas as regiões geográficas do Brasil”, revelando as desigualdades que são persistentes e muito presentes no nosso sistema educacional, retratadas, também, nas palavras de Oliveira e Junior (2020, p.721) quando afirmam que, “Aos mais pobres são oferecidas escolas mais pobres, ou seja, condições mais precárias de oferta educativa”, esta lógica é uma cruel realidade apontada pelas pesquisas nos dias atuais como mostram os autores quando afirmam que,

Isso mostra que a desigualdade não é prerrogativa somente da distribuição de renda, mas é fato percebido nas condições estruturais das escolas onde estudam aqueles que vivem em situação de pobreza. Portanto, as condições de oferta da educação remota não são as mesmas para todos. Pelo contrário, elas refletem a oferta desigual dos nossos sistemas escolares em termos de acesso a fatores como recursos tecnológicos, apoio pedagógico, suporte à nutrição, entre outros. (OLIVEIRA; JUNIOR, 2020, p.722).

Nesse sentido, vale ressaltar os inúmeros casos em que o trabalho docente se concretizou em situação de precariedade (SILVA, 2020; OLIVEIRA, 2020a), pois dentre alguns fatores, os autores mencionam que os professores em número significativo não possuíam formação para operar as tecnologias de informação e comunicação - TIC's, tampouco os equipamentos necessários como computadores, câmeras, internet com boa velocidade e estável, para ofertar educação de qualidade para estudantes. Por outro lado, uma face quase invisível aos olhos da sociedade, foi o impacto do aumento da carga horária do trabalho docente que se intensificou com o preparo das aulas e atividades de forma remota (OLIVEIRA; JUNIOR, 2020; SOUZA et al. 2020), trabalho este não remunerado que

invadiu seu espaço privativo de descanso, lazer e com a família. Podemos inferir que, o trabalho docente foi subvertido, não há como estabelecer tempo, espaço, rotina, para elaboração e execução do ensino remoto, situação que foi amenizada com o retorno ao ensino presencial.

## 2 CURRÍCULO E TRABALHO DOCENTE: o que aprendemos na pandemia?

O currículo escolar ganha outra configuração imposta pelo ensino remoto que agrega a ele complexas adaptações, reinterpretações e arranjos curriculares, que geram novas estruturas e novas práticas, resultantes da criatividade individual e coletiva, como enunciado no conceito de hibridação por Canclini (2011). O currículo pode ser entendido como o elemento que dá materialidade a uma realidade curricular em nova forma e significado educativo na medida em que, as práticas didático-pedagógicas são realizadas para garantir as aprendizagens dos estudantes e, no período de pandemia, acabou exigindo uma nova caminhada e outro itinerário de aprendizagem.

Diante disso, para o desenvolvimento do currículo no(s) cotidiano(s), as práticas curriculares foram sendo modeladas com o uso das ferramentas e recursos tecnológicos, o currículo predominante e hegemônico que tem um padrão único e que não considera as diferenças sociais e culturais existentes nas escolas (LIMA; AZEVEDO; NASCIMENTO, 2020), adquiriu uma certa flexibilidade, adequando-se às realidades e necessidades de professores e estudantes que o constroem, cotidianamente, se entendido como uma produção humana, ou em outras palavras, uma construção social (SILVA, 2002; SACRISTÁN, 2000; GOODSON, 1997). Da mesma forma, com a implementação do ensino remoto, a adequação dos conteúdos e de sua apresentação; os novos arranjos das estratégias didáticas e a resignificação do processo ensino-aprendizagem foram centrais dando novos contornos ao currículo. Desse modo, o currículo assume uma dinâmica que tem características e elementos bem peculiares que resultam em práticas distintas que foram construídas e reconstruídas permanentemente neste percurso.

Nessa direção, o formato do currículo criado *a priori* foi resignificado e, em resposta a este período emergencial, adquiriu um contorno muito singular em cada rede de ensino, em cada instituição, em cada prática pedagógica, em cada prática curricular, enfim em cada experiência no(s) cotidiano(s) do trabalho docente. Podemos inferir que as configurações são múltiplas, diversas se considerarmos as adequações feitas nos conteúdos, nas metodologias tendo como referência o ensino presencial, que fora reinterpretado fazendo uma transição para o ensino remoto com esta nova realidade do processo de ensino-aprendizagem colocados pela pandemia. Corroborando com essa ideia, temos em Lima, Azevedo e Nascimento (2020, p.10), uma pista quando sugerem que “[...] deve existir adequação significativa, pois uma videoaula é imensamente diferente de uma aula presencial com a participação ativa dos estudantes”. Desse modo, pensar em currículo neste momento é pensar em algo dinâmico, em constante movimento e, por que não, pensar em currículos?

Nessa mudança foi constatado pelos professores que o modelo de aula presencial não era possível de ser transportado para o ensino remoto, houve necessidade de modificar os ambientes de aprendizagens, didáticas e práticas educativas e pedagógicas e, sobretudo, resignificar o currículo. Além disso, as aulas foram deslocadas da sala de aula para a “sala de casa” e serem realizadas remotamente, utilizando recursos como plataformas de videochamadas, questionários *online* e pdfs (MATTOS; MATTOS, 2021), algo que o sistema de ensino brasileiro não tinha grande familiaridade e tampouco era habitual, o que causou grande estranhamento por parte de estudantes e professores. De acordo com o que demarca Silva (2020, p. 124), os “Professores e discentes tiveram que reinventar modos de aprender e ensinar, a partir de uma plataforma que não receberam treinamento para utilizar”, o que certamente significou uma dificuldade adicional àquele momento de mudança drástica nas práticas rotineiras do professorado.

A partir disso, tomamos de empréstimo o conceito de recontextualização por hibridismo na acepção de Ball (2000), pelas muitas possibilidades abertas para explicação e análise das práticas dos professores e das práticas curriculares que ocorreram no ensino remoto tendo em vista, segundo Tura (2009, p.134), “[...] o dinamismo dos processos de recontextualização [que] pressupõe deslocamentos constantes, movimentos de ruptura e de lutas por hegemonia, que se dão nos diferentes contextos da ação educativa [...]”. Assim sendo, quando analisamos as práticas curriculares que foram criadas, reinterpretadas e reinventadas durante a pandemia, identificamos uma grande diversidade de

abordagens entre diversos docentes de diferentes escolas e locais.

Por outro lado, o trabalho docente sendo realizado a partir das casas dos próprios docentes impôs mudanças profundas em âmbito familiar e profissional, pois as rotinas se mesclam e formam um conjunto de situações que interferem permanentemente. Como indica a autora.

Desde a ausência dos meios necessários para o pleno desenvolvimento das atividades, ou seja, a falta de equipamentos adequados, como computadores, tablets, microfones e câmeras, a conexão de redes de internet, a formação insuficiente para lidar com os programas e os recursos tecnológicos, a pouca (ou total ausência de) experiência com ambientes virtuais, até questões relacionadas ao suporte pedagógico para a realização do trabalho. (OLIVEIRA, 2020b, p.34).

Ademais, o trabalho docente teve sua organização quase na sua totalidade subvertida durante a pandemia, porque não havia espaço próprio, tempo, rotina para sua elaboração e execução e, no dia a dia, esses aspectos se entrelaçaram. Segundo Cury (2020, p.13) ilustra, “A casa tornou-se o lugar do fogão, da limpeza, do lazer, das trocas culturais pelo celular e... do ensino. Tudo junto, dentro do mesmo espaço, antes tomado por rotinas relativamente separadas.” A vida organizada no tempo-espaço de forma sistemática e metódica, ao que tudo indica, nesses tempos de pandemia, temos novas configurações.

Entendemos, portanto, que nessas experiências o aspecto comum a elas foi o desafio do enfrentamento de incertezas, de trilhar caminhos novos, caminhar por rotas nunca ou pouco exploradas antes da pandemia. Afora isso, a sensação de aventura pelo desconhecido, sobretudo, a vontade e disponibilidade dos docentes em buscar alternativas para que os estudantes continuassem seu processo de escolarização e construíssem suas aprendizagens foi a marca desse processo vivido no(s) cotidiano(s) escolar(es).

### **3 ENSINO REMOTO NO(S) COTIDIANO(S) ESCOLAR(ES): criações e inventividades**

Criações e inventividades foram necessárias para a adequação à nova realidade e a mais evidente porém não a única foi ter que sair das salas de aula e adentrar às “salas de casa” como o novo *locus* dos encontros acadêmicos e escolares. Os docentes se confrontaram com a obrigatoriedade do aprendizado da utilização das ferramentas digitais, que até então, eram utilizadas por cada um de acordo com seus interesses individuais e em ritmos que correspondiam particularmente às diversas habilidades, intimidades e afinidades que cada qual percebia ter. Alguns motivados pelo interesse pessoal em se manter atualizado para estar próximo à realidade dos estudantes, outros movimentavam-se apenas pela vontade de conhecer que eram, até então, as principais motivações. Isso porque em sala de aula ainda se podia manter as formas clássicas de conduzir didática e pedagogicamente as disciplinas, de acordo com os cânones clássicos: discurso do professor, conteúdos expostos em quadros, leitura de textos e demais possibilidades próprias de uma prática docente presencial. Se por acaso houvesse condições na unidade em que o docente estivesse atuante, podia usar o *datashow* na projeção de arquivos elaborados em *power point*. Alguns projetavam filmes, documentários e depois se dedicavam aos debates sobre os temas trazidos por estes audiovisuais. Estes arquivos poderiam ser mais ou menos elaborados conforme as exigências pessoais de cada docente. Caso não houvesse condições de utilização de *notebooks* e *datashow*, nada obrigaria ao docente a se desafiar na elaboração de arquivos mais complexos. Em geral, tal tipo de utilização de meios digitais nas aulas presenciais aconteciam mais comumente nos espaços universitários, posto que as escolas da Educação Básica, raramente tem a seu dispor este tipo de recursos.

Subitamente, professores e estudantes foram desafiados a dar concretização ao ensino remoto, uma realidade para a qual, verdadeiramente, ninguém havia se preparado com antecedência. Se havia ou não condições materiais para que essa nova realidade se concretizasse, não havia o que questionar, porque a obrigatoriedade se tornou imperiosa. Era preciso ser implementada sob pena de todas as atividades de aprendizagem se tornarem suspensas durante um período de duração acerca do qual não se sabia a duração.

Na Educação Básica o maior desafio foi a ausência dos recursos midiáticos: os estudantes não dispunham de equipamentos para receber as emissões didático-pedagógicas, tampouco internet, e por vezes, nem celulares, enquanto os docentes, na sua maioria, não possuíam as ferramentas digitais e nem o conhecimento necessário para criar as aulas a serem agora transmitidas via internet. Em contrapartida, os estudantes universitários, mais versados no uso destes equipamentos, precisavam vencer outros tipos de desafio: não possuíam bons equipamentos, a grande maioria só podia acessar tais arquivos com o uso de celulares porque boa parte deles usavam os computadores dos laboratórios da Faculdade; e também nem sempre tinham acesso aos serviços de internet, geralmente além dos recursos financeiros do estudante. 3.900

Vale ressaltar todavia, que qualquer que tenha sido a maneira pela qual professores e estudantes universitários acertaram retomar a vida acadêmica e a dinâmica da relação *ensinoaprendizagem*, tratou-se de um ato de resistência no bojo da luta pela manutenção da vida acadêmica, de um esforço empregado de parte a parte para que nem tudo em suas vidas ficasse paralisado, como os demais aspectos de nossas existências em sociedade pareceram estar durante a duração do distanciamento imposto pelas condições sanitárias do COVID-19. Para muitos significou ter a companhia dos colegas, encontros com professores, ainda que pelas telinhas, mesmo que pelas janelinhas abertas nas telas dos computadores ou nos celulares. Ouvir vozes de pessoas conhecidas ou que estavam vendo pela primeira vez, ser convidado a falar, e até falar de si e da situação como estava sendo vivenciada, serviu de apoio para tirar as pessoas do mais cruel e profundo isolamento com que toda uma geração estava se confrontando, pela primeira vez.

Na Educação Básica, não foi diferente porque a resistência dos professores foi digna de nota. Diante de tantos desafios enfrentados pelos professores, para além dos aspectos negativos desta experiência que vivenciamos na pandemia, a que se destacar os aspectos positivos como [...] a ligação com as famílias e a inventividade de muitos professores” (NÓVOA, 2020, p.8). Podemos considerar a capacidade de (re)invenção relacional dos professores frente ao enfrentamento da pandemia e, sobretudo, as (re)criações curriculares. O autor ressalta que,

É preciso reconhecer os esforços [dos professores] para manter uma ligação com os alunos e com as famílias. Os governos deram respostas frágeis, e as escolas também. As melhores respostas, em todo o mundo, foram dadas por professores que, em colaboração uns com os outros e com as famílias, conseguiram pôr de pé estratégias pedagógicas significativas para este tempo tão difícil. (NÓVOA, 2020, p.8).

Vale ressaltar o esforço dos professores em (re)planejar o currículo, ressignificar os conteúdos e metodologias, (re)adaptar o espaço de ensino em suas casas e (re)interpretar os materiais diversos para viabilizar o acesso dos alunos e, sobretudo, garantir o processo de ensino-aprendizagem. Assim, muitas experiências relativas às criações e inventividades didáticas durante a pandemia, foram apresentadas como saídas e apareceram publicadas e/ou postadas na internet, nos chamando a atenção. Os professores que não dispunham de espaço, escritórios ou algo parecido, improvisaram múltiplas maneiras e, mais uma vez, a classe docente teve que se reinventar e produzir esforços para gerar possibilidades que não são do ofício de sua profissão, algo particularmente da responsabilidade do Estado.

Nesse sentido, de acordo com as pesquisas do Jornal Norte Fluminense - G1 (2020) foi mostrado como a professora Paula Renata Valentim (2020) de São Francisco - Itabapoana trabalhou nesse período. Esta experiência da professora, conseqüentemente, representa e se traduz como exemplo de muitos outros professores, que tiveram ações pedagógicas e improvisaram meios de manter a escolarização dos seus alunos. Esta professora aparece na internet dando aulas de matemática no azulejo de sua cozinha como lousa, nos mostrando o quanto o trabalho docente lutou frente à pandemia, sem medir esforços, revelando todo o seu desprendimento no improviso, ou melhor, na sua criação para dar conta da sua tarefa de ensinar com o que foi nomeado de “improviso do bem”. Do mesmo modo, Carneiro e Nascimento (2020, p.2) alertam que, “[...] é imprescindível refletir sobre as práticas curriculares a serem implementadas e os desafios da escola básica na perspectiva de não deixar nenhum aluno para trás e recuperar a aprendizagem de todos”. Constatamos que os professores,

mesmo enfrentando a pandemia, superando as perdas dos familiares e amigos e as complexidades do seu novo modo de ensinar, apesar de tudo isso, buscaram fortalecer a profissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia trouxe muitas dificuldades e adversidades para o sistema de ensino brasileiro, sobretudo, para professores e estudantes da rede pública que não estavam preparados e tampouco tiveram experiência formativa para o enfrentamento desta mudança radical do ensino presencial para o ensino remoto. Muitos professores criaram soluções com os poucos recursos que tinham, se adaptando para algo que não tinham qualquer experiência ou instrução. Enquanto isso, as autoridades demoraram a proporcionar melhores condições para a nova realidade educacional: de um lado, os estudantes enfrentavam grandes desafios, muitos sem a tecnologia e conexão com a internet necessárias para sua aprendizagem e, de outro, os professores que, em grande parte, também não possuíam os equipamentos, tecnologias e ferramentas imprescindíveis para ofertar uma educação de qualidade para todos. As análises preliminares indicam que as práticas curriculares no período da pandemia resultaram de uma recontextualização por hibridismo (BALL, 2000), cujos arranjos e ressignificações assumiram diferentes estratégias didático-pedagógicas, com enorme riqueza de configurações derivadas do uso das tecnologias digitais para o ensino remoto. Apesar das dificuldades e desafios enfrentados pelos professores e, também, da precarização do trabalho docente, a diversidade das práticas curriculares, decorrentes da criatividade individual e coletiva surgidas neste período, criaram alternativas pedagógicas para garantir as aprendizagens de milhões de alunos. Indica, também, uma evidente necessidade de ser construída uma estratégia educacional potente, capaz de repor e potencializar as aprendizagens, as experiências curriculares, as práticas e o próprio currículo, de modo a promover uma educação de qualidade para todos.

## REFERÊNCIAS

- BALL, Stephen J. Cidadania Global, consumo e política educacional. In: SILVA, Luiz Heron da (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.121-137.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da Introdução Genese de Andrade. 4. ed. 5ª. reimpresão. São Paulo: Edusp, 2011. Introdução à Edição de 2001. p. XVIII - XLIII
- CARNEIRO, Maria Keila de Araújo; NASCIMENTO, Francisco Cartegiano de Araújo. O currículo e os desafios da escola básica no contexto da pandemia. In: VII Semana Internacional de Pedagogia 2020. **Anais [...]** Maceió: p. 1-6, 2021. Disponível em: [https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-e7ec05bodba4ab364b02503b6f0fab1caa3334c7-segundo\\_arquivo.pdf](https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-e7ec05bodba4ab364b02503b6f0fab1caa3334c7-segundo_arquivo.pdf). Acesso em: 31 ago. 2022.
- CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da.; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília**, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 04 ago. 2022.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em Ação**. Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 8 – 16, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- GLOBO - G1. Professora ensina matemática nos azulejos da cozinha e mostra que a Educação é sempre possível. **Norte Fluminense**. 14 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/09/14/professora-do-rj-inova-ao-usar-azulejos-da-cozinha-como-quadro-para-ensinar-matematica.ghtml>. Acesso em: 06 set. 2022.
- GOODSON, Ivor F. **A construção social do currículo**. Lisboa: EDUCA, 1997.
- GRANJA, Tania de Assis S.; ALBUQUERQUE, Luiza T. de.; FONSECA, Pâmela da C. Práticas Pedagógicas e Trabalho Docente: uma reflexão sobre o ensino remoto. **Interletras**, Dourados-MS, v.10, n.35, abril/outubro, p.1-19, 2022. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/conteudo/artigos/21.pdf?v=35>. Acesso em: 16 out. 2022.

LIMA, Michelle Castro; AZEVEDO, Sabrina David de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. **Revista Itinerários Reflections**. Goiás, v.16, N.1, p.1-20, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/65753>. Acesso em: 13 jun. 2021.

LOPES, Alice C. Política de Currículo: recontextualização e hibridismo. **Currículo sem Fronteiras**, v.5, n.2, p.50-64, jul/dez, 2005. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/lopes.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

LOPES, Alice C. A recontextualização por hibridismo. In: LOPES, Alice C. **Políticas de Integração Curricular**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. p.27-32.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de; MATTOS, José Roberto Linhares de. Práticas docentes inovadoras: caminhando na incerteza momentânea entre o status quo e a ousadia. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 22, n.65, abr.-jun. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/55752/37819>. Acesso em: 12 out. 2022.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo**. Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v.7, n.3, p.8-12, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/9>. Acesso em: 13 set. 2022.

OLIVEIRA, Dalila Andrade (Coord.). Trabalho Docente em tempos de pandemia. Gestrado/UFMG, Belo Horizonte, 2020a. **Relatório Técnico**. Disponível em: [http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cnte\\_relatorio\\_da\\_pesquisa\\_covid\\_gestrado\\_v02.pdf](http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v02.pdf). Acesso em: 26 set. 2022.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. **Revista USP**. São Paulo, SP, n. 127, p. 27-40, 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180037/166654>. Acesso em: 26 set. 2022.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; JUNIOR, Edmilson Antonio Pereira. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, DF, v.14, n.30, p.719-735. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212/pdf>. Acesso em: 03 de ago. 2022.

SACRISTÁN, José G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. p. 13-95.

SILVA, Luciene. Currículo em tempos de pandemia: como continuar a aprendizagem? **Revista Pedagogia em ação**. Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 122-131, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23758>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

SOUZA, Adriana da Silva *et al.* Precarização do Trabalho Docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Revista Ensino em Perspectivas**. Fortaleza, Ceará, v.2, n.2, p.1-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975/4231>. Acesso em: 04 set. 2022.

TURA, Maria de Lourdes R. A Recontextualização por Hibridismo na Prática Pedagógica na Disciplina de Ciências. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.133-148, Jul/Dez 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2009/vol9/no2/8.pdf>. Acesso em: 02 out. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).